

# SEGUREM O HOMEM

RUBEM BRAGA

**A** VISITA ao Brasil de Cavalcanti, o grande diretor de cinema nosso patricio que trabalha na Inglaterra, parece ter interessado apenas a alguns artistas e intelectuais.

Não é preciso, entretanto, ter muita imaginação para ver que a viagem que esse homem faz à sua terra natal deveria alvoroçar também os economistas e homens de governo. E o motivo é simples: temos em Cavalcanti a esperança melhor de êxito da organização de uma indústria nacional que nos permitiria economizar milhões de dólares. E que, além disso, criaria um produto de exportação com amplas possibilidades no mercado internacional.

Tôda gente sabe que o Brasil é, hoje, um dos grandes mercados do cinema. O cinema é o grande divertimento nacional de tôdas as classes, de tôdas as cidades, de todos os dias.

Para defender nossas reservas, o governo tem adotado, com rigor cada vez maior, medidas restritivas da importação de uma série enorme de produtos, muitos deles indiscutivelmente úteis. Até hoje não parece haver, entretanto, nenhuma restrição à importação de filmes. Gastamos milhões, que poderiam ser empregados no desenvolvimento da economia nacional — na indústria, na agricultura, nos transportes — com essa coisa: imagens sonoras.

Numerosos países do mundo estancaram ou limitaram a evasão de dólares em troca de sombras falantes. Sobre eles caiu, severa, é verdade, a pressão da grande indústria norte-americana, ora diretamente ora através da diplomacia. Essa pressão, com ameaças de represálias, viria também sobre nós, mas está claro que os magnatas do celulósido acabariam se conformando em ter lucros menores se a nossa atitude

fôsse firme. Sendo uma das duas maiores indústrias dos Estados Unidos, o cinema é também interessantíssimo como instrumento de propaganda nacional. O exemplo da Inglaterra prova, entretanto, que essa poderosa indústria sabe negociar e recuar quando não tem outro remédio.

Até hoje, porém, as autoridades brasileiras des- conversam, com um temor supersticioso, quando se fala em poupar dólares com fitas — elas que procuram poupar dólares com tudo.

Por que não gastar uma pequenina parte do que gastamos em fitas importando equipamento e técnicos para construir a nossa indústria do cinema? Ela já existe, é verdade, mas em uma escala diminuta e de maneira precária: cada filme nacional ainda é uma espécie de aventura, embora muitos deles tenham dado lucros excelentes.

Ora, o grande problema do cinema é sempre o diretor. Temos um patricio nosso que é um grande diretor, conhecido como dos melhores do mundo — e já agora também um produtor. Por que não segurar esse homem aqui? Por que não apelar para que fique entre nós, e lhe dar meios para trazer do estrangeiro a maquinaria e os técnicos necessários à organização da indústria no Brasil? Com a sua experiência, o seu talento e o seu renome, Cavalcanti pode representar, para o Brasil, a economia de dezenas de anos e de muitos milhões de cruzelros. Sendo uma indústria de mercado interno garantido e amplas perspectivas de exportação, o cinema é, comparativamente, das que exigem menor capital.

Cavalcanti pode significar isto para o Brasil, se nossos homens de governo tiverem um pouquinho de imaginação: uma economia brutal de dólares e a criação de uma grande indústria. O cérebro desse homem vale mais para nós do que a caderneta de cheques de importantes financistas que chegam aqui para instalar... fábricas de coca-cola e outros canais de drenagem de ouro.

Mas será que a essa gente já ocorreu que um cérebro, e ainda por cima brasileiro, possa valer alguma coisa?

13.9.49

235